



Nanci de Paz Fernández (1950) formou-se em Pedagogia pela Escola Normal de León, especializando-se em Filologia Inglesa. Trabalhou como professora em diversas localidades de El Bierzo e Valdeorras.

Estudou Língua e Civilização Francesa na Sorbonne e na Universidade de Angers, e Língua Inglesa nas Universidades de Limerick (Irlanda) e Reading (Reino Unido). Obteve Certificados Avançados em Francês, Inglês e Galego pelas Escolas Oficiais de Língua (EOI) de León, Ponferrada e Ourense, respectivamente. Montanhista, devota de Santiago de Compostela e viajante, explorou montanhas, trilhas e países em cinco continentes.

O Caminho de Santiago em 1976: Seguindo os Passos dos Antigos Peregrinos

Os peregrinos, que outrora enchiham os caminhos para Santiago, já tinham deixado de passar por ali, mas as lendas que os envolviam permaneciam no imaginário coletivo, e o Caminho estava lá, chamando-nos, à espera de alguém que o trilhasse mais uma vez.

Foi o que pensamos quando, em julho de 1976, decidimos começar o Caminho em Astorga, com um plano simples: 30 km por dia e possíveis paragens.

Carregámos as nossas mochilas com o mínimo necessário para 10 dias, sem esquecer os sacos de dormir, e lá fomos nós!

Era crepúsculo quando nós quatro peregrinos entrámos em Foncebadón. Os poucos habitantes olharam para nós com alguma desconfiança, mas conhecíamos o pastor que nos deu abrigo naquela primeira noite.

Pela manhã, saudamos a Cruz de Ferro, uma estrutura simples onde ainda não havia botas abandonadas.

Deixamos nossos pecados com a pedra que colocamos na pilha e seguimos para Ponferrada, a cidade onde meus pais moravam na época: uma parada para pernoitar.

Chegar a Ponferrada foi fácil, pois o percurso era o mesmo de hoje, embora sem pavimentação. Na ida, mantivemo-nos o mais longe possível da estrada principal, seguindo os caminhos de aldeia em aldeia, guiados pelos simpáticos habitantes locais. Enquanto descansávamos no jardim de Villafranca, encontramos um peregrino de Madrid que tinha partido nesse mesmo dia de Ponferrada. Seguimos para Pereje e, antes de dormir, ouvimos atentamente as indicações para continuar até Cebreiro. Nunca nos esquecemos da beleza daquelas matas. Depois de passarmos por La Faba, deitámo-nos para uma sesta no meio do caminho relvado, até que um trator nos acordou, quase nos atropelando. Chegámos a Cebreiro a tempo de visitar o santuário e conversar com o Padre Elías, que já era uma figura respeitada. Ele ficou contente por nos ver e encantado por haver peregrinos a chegar a pé. Deu-nos a conhecer sabiamente o percurso a seguir e alterámos o nosso itinerário.

No dia seguinte, passaríamos a noite em Samos, onde os monges nos permitiram ficar na galeria do mosteiro. Pelo que percebemos em nossas conversas com os moradores locais, as peregrinações a pé nunca pararam completamente. Os aldeões não se surpreenderam ao nos ver e estavam dispostos a "oferecer hospedagem aos peregrinos". Alguns carros pararam e perguntaram se precisávamos de algo. Eles se importavam conosco, nos ofereceram comida e não quiseram nos cobrar nas lojas. Tudo parecia muito familiar, embora achassem estranho que estivéssemos fazendo a peregrinação sem que nos "oferecessem" ajuda.

Além do inconveniente de ter que percorrer muitos quilômetros por estrada e refazer nossos passos quando nos perdíamos por falta de sinalização, essa foi a maior diferença entre aquele Caminho e os que fizemos depois. Agora, os peregrinos são uma força motriz na economia local; naquela época, éramos apenas hóspedes na vila. Outra grande diferença foi a maneira como fizemos o Caminho, sem nenhuma pressão. Nada era fixo. Não havia necessidade de chegar a lugar nenhum em um horário específico. Tudo fluía, conforme o caminho nos guiava.

Em Paradela, o prefeito nos permitiu usar a escola para passar a noite. Os moradores locais deram suas opiniões sobre a rota a seguir. Eles nos falaram sobre o caminho que levava a Palas de Rei. Cansados de estradas e cruzamentos, escolhemos essa opção sem considerar as possíveis interseções. Estávamos diante de uma magnífica cruz à beira da estrada, hesitantes em escolher entre dois caminhos divergentes, quando apareceu uma carroça carregada de feno, como se fosse a carroça da Rainha Lupa carregando os restos mortais do Apóstolo. Seguindo seus rastros, chegamos ao nosso destino, tendo caminhado 17 km a mais do que o planejado.

Na etapa final, cruzamos com outro peregrino, um jovem francês que havia saído de Roncesvalles com pouquíssima bagagem (ele tinha até mapas recortados). Ele nos contou que estava caminhando cerca de 70 quilômetros por dia; estava retornando de Santiago refazendo seus passos até sua cidade natal.

Um grupo de ciclistas também nos ultrapassou, vindo de Pamplona e aproveitando a festa de San Fermín.

Passamos nossa última noite no Aeroporto de Lavacolla e, logo cedo, fizemos uma parada obrigatória na fonte, como todos os que nos precederam no Caminho haviam feito.

Na colina onde hoje se ergue o Monte del Gozo, surgiu o majestoso objetivo de nossa jornada. Os sinos de San Marcos tocavam.

Continuamos, agora imparáveis, entrando na catedral pela Porta do Perdão sem qualquer dificuldade, com as mochilas nas costas. Sim, havia gente, mas o acesso ao Pórtico da Glória foi fácil. Conseguimos tocar com os dedos as marcas que os séculos deixaram na coluna do púlpito. Então, delicadamente, demos três toques no santo, pedindo sabedoria, como faziam os discípulos de Fonseca, e caminhamos com orgulho pela nave central até os primeiros bancos para assistir à Missa do Peregrino. Quando o botafumeiro finalmente se ergueu sobre nossas cabeças, nos sentimos leves como uma pluma, flutuando em meio às belas imagens do Caminho que nos fizeram esquecer as bolhas, as dores musculares, o chão duro, os cruzamentos que atravessamos duas vezes... apagando completamente qualquer sensação desagradável. Ao partir, tiramos nossa foto em frente à fachada do Obradoiro, aquela magnífica imagem que todos recriamos quando o Caminho nos carrega com o mesmo entusiasmo da primeira vez.

Nanci de Paz Fernández

